



O tatu-bola, cujo nome científico é *Tolypeutes tricinctus*, é um mamífero que, quando se sente ameaçado, se fecha em formato de bola para se defender dos predadores, mas não escapa à mão do homem

CRITICAMENTE AMEAÇADO. Geralmente, animal tem apenas um filhote por ano em gestação de 4 meses

Menor **tatu** brasileiro pode sumir

Seu habitat são as áreas de caatinga e o cerrado, mas por conta do risco de extinção, poucos exemplares são vistos atualmente

LUANA MARTINA
ESTAGIÁRIA*

O tatu-bola, cujo nome científico é *Tolypeutes tricinctus*, é um mamífero que mede aproximadamente 50 cm e, quando adulto, pode pesar cerca de um quilo e trezentos gramas.

A alimentação é composta por formigas, lavas de insetos e frutas. Geralmente, tem um filhote por ano, numa gestação que dura em média quatro meses. Seu habitat são as áreas de caatinga e o cerrado, mas por conta do risco de extinção, poucos exemplares são vistos atualmente.

Ele é o menor tatu brasileiro e o único que existe apenas no Brasil. Também é o mais ameaçado, pois não cava bem como os outros tatus, geralmente utiliza os buracos feitos por outros animais para se esconder e quando se sente ameaçado transforma-se em uma bola, tornando a captura mais fácil.

O tatu-bola apresenta um mecanismo de defesa diferente dos outros tatus. Para se defender dos predadores, o mamífero se enrola completamente, escondendo cabeça, patas e rabo dentro da carapaça, como se fosse uma bola e fica nessa posição até sen-

Há pouco tempo o animal foi reclassificado como "criticamente ameaçado", que segundo Rodrigo Castro, é o sinal amarelo para a extinção da espécie. "Quando um animal é enquadrado nessa categoria, quer dizer que estamos perto de um provável colapso da espécie. Tratando-se do tatu-bola, a caça foi um dos grandes motivos", afirmou.

O mecanismo de defesa do tatu-bola, esconder-se dentro da carapaça, torna-o um alvo fácil para o homem que pode facilmente transportá-lo, já que o bicho fica aproximadamente do tamanho de uma bola de futebol de salão. Um dos principais motivos da caça era para retirada de sua carne, que servia de alimento para famílias sertanejas no período da seca.

Queimadas com fins agrícolas em áreas de caatinga também contribuíram para o sumiço de espécimes.

"Historicamente, a caça sempre foi a vilã da espécie. Mas atualmente, a urbanização e o aumento das atividades agrícolas nas áreas em que eles aparecem têm afetado seu habitat e colaborado para a morte de muitos tatus.", explicou à **Gazeta** Rodrigo Castro.

Alagoas não tem números sobre a espécie

Segundo o professor Jorge Luiz Lopes da Silva, diretor-técnico do Museu de História Natural da Universidade Federal de Alagoas (Ufal), existiam vários exemplares de tatu-bola em Alagoas. "Esse mamífero estava distribuído pela região da Várzea da Marituba (Penedo, Piaçabuçu e Feliz Deserto) e Sertão. Os principais predadores do tatu-bola eram os felinos, como gatos-domato, jaguatiricas e com a urbanização, o homem. Hoje não é possível precisar o número exato desse animal no Estado, mas estudos serão feitos para isso", explicou.

De acordo com informações do professor Jorge Luiz, o Museu de História Natural desenvolverá uma série de estudos na região de caatinga do município de Delmiro Gouveia para aprofundar o conhecimento acerca dos mamíferos fósseis e contemporâneos.

Os estudos ainda estão em fase inicial, mas mapearão todos os mamíferos existentes na área. O próximo passo é coletar as

amostragens da área determinada.

O professor Jorge Luiz também chamou a atenção para a caça do animal praticada no Estado. "O homem é o principal responsável pela extinção de muitas espécies quando destrói seu habitat e com a caça predatória. Outro agravante é o uso da carapaça do tatu-bola como ornamento, o que fez com que o animal fosse muito perseguido" afirmou.

O professor também criticou o hábito das queimadas, que quando feitas não dão chance aos animais de escaparem. Como o tatu-bola não tem garras apropriadas para cavar, acaba queimado junto com outros animais.

"As queimadas ajudaram a ameaçar a espécie, mas a própria cultura da cana-de-açúcar, que retirou a mata nativa para dar lugar às plantações, colaborou para que hoje o animal estivesse quase extinto. Com as queimadas, as chances de vida do mamífero são muito pequenas, quase nulas", disse. **LM G**